

Bancos internacionais divididos quanto à forma de negociação

Os bancos internacionais e o Tesouro dos Estados Unidos mantêm uma discussão cada vez mais áspera sobre a condução do problema da dívida internacional que poderia complicar e prolongar as negociações de dívida com o Brasil e a Argentina.

Depois que os bancos norte-americanos, britânicos e canadenses acrescentaram no ano passado mais de US\$ 20 bilhões às reservas para cobrir prejuízos com empréstimos problemáticos do Terceiro Mundo, o Tesouro norte-americano e os grandes bancos acham, cada um dos lados, que o outro lado deveria empenhar-se mais para resolver as dificuldades de dívida internacional.

Os grandes bancos querem que os Estados Unidos e outros países industrializados apoiem as garantias do Banco Mundial para cerca de 10% do projetado crédito bancário de US\$ 5,2 bilhões para o Brasil. O Citicorp e o Bank of Tokyo, segundo os banqueiros, acreditam que esse reforço de crédito é essencial para obter a adesão de muitos bancos cada vez mais relutantes, especialmente instituições norte-americanas e estrangeiras menores.

O Tesouro norte-americano sustenta que es-

se apoio às garantias deve ser usado com moderação e não é necessário nesse caso. Os bancos, segundo algumas autoridades norte-americanas, estão deliberadamente demorando a finalizar um acordo de dívida com o Brasil, na tentativa de obter concessões dos governos credores. E os grandes bancos, sem avisar o Tesouro norte-americano, pediram o apoio britânico e japonês às garantias, depois que seu pedido fora rejeitado pelo Tesouro dos Estados Unidos, disseram as autoridades norte-americanas.

Muitos banqueiros acham que o Tesouro norte-americano não apoiará nenhum aumento de garantias devido à sua preocupação com a obtenção do apoio do Congresso norte-americano para uma ampliação de capital do Banco Mundial. Os banqueiros também criticaram o Tesouro norte-americano por supostamente intervir na estratégia de dívida através de seu vigoroso apoio a programas que envolvem a redução de dívida, como os implementados pelo México e Bolívia. Os banqueiros afirmam que isso torna mais difícil conseguir que muitos bancos façam novos empréstimos a devedores com problemas.